

O “MASCULINO” MARGINALIZADO? HOMENS EM FORMAÇÃO NO SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Ester de Albuquerque Monteiro¹ ; Vívian Matias dos Santos²

¹Estudante do Curso de Serviço social - CCSA – UFP; E-mail: esteralbuquerquemontero@hotmail.com,

²Docente/pesquisadora do Depto de Serviço social – CCSA – UFPE. E-mail: vivianms@yahoo.com.br.

Sumário: Historicamente o Serviço Social se constituiu como “nicho feminino” no campo da formação acadêmica e no mercado de trabalho. O mesmo surge vinculado às práticas de caridade que visavam propor um enfrentamento assistencialista à questão social no país (NETTO, 2007). No Brasil, embora o Serviço Social já tenha passado pelo Movimento de (Re)conceituação nas décadas de 1960 a 1980 (NETTO, 2007), através do qual buscou romper com o conservadorismo religioso e práticas assistencialistas, ainda hoje se observa a predominância feminina no que se refere à inserção nesta área de conhecimento e campo de trabalho, como herança histórica das protoformas desta profissão. Diante desta realidade nossa pesquisa buscou investigar como se dá a inserção, permanência e atuação de homens nordestinos em espaços acadêmicos tradicionalmente considerados “nichos femininos”, tomando como referência empírica a trajetória de homens estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A partir do trabalho desenvolvido constatamos que apesar de minoria quantitativa, os homens tem alcançado boa inserção dentro do Serviço Social, especialmente no tocante ao reconhecimento/destaque político-acadêmico. Além de estarem mais presentes nos espaços de representatividade, identificamos também, através das observações de inspiração etnográfica, que os homens, especificamente os que se autodeclaram heterossexuais, por vezes tomam a frente nos cargos e processos eleitorais dentro do Serviço Social, de modo que suas falas tomam maior tempo, e ao que nos parece, também maior influência.

Palavras-chave: conhecimentos científicos; gênero; masculinidades; serviço social

INTRODUÇÃO

O trabalho por nós desenvolvido teve como foco principal investigar as especificidades da inserção masculina numa área historicamente feminilizada, que é o curso de Serviço Social. Para isso nos debruçamos sobre o cenário da Universidade Federal de Pernambuco, dentro destas investigações levamos em consideração as implicações deste recorte regional, por considerarmos que ser homem e nordestino carrega em si, peculiaridades: no Nordeste “os códigos de gênero são naturalizados” discursivamente de forma específica e, neles, a masculinidade é desde cedo definida pela competição, pela disputa [...]” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p 243). Não temos aqui intenção de afirmar a existência de uma essência masculina-nordestina tendo em vista que o gênero não é uma categoria ontológica, mas acreditamos que as normas regulatórias do

sexo (BUTLER, 2010), são confirmadas pelos sujeitos na tentativa de reafirmar suas masculinidades. Atentamos ainda para o fato que estas normas regulatórias diferenciam-se culturalmente, havendo especificidades regionais.

Este trabalho está fundamentado em uma abordagem parcial da ciência por enxergá-la como uma construção social, o que significa pensar a ciência não apenas como uma forma de produção de conhecimento, mas indo além, reconhecer que toda construção social reflete as marcas do tempo e espaço onde são formuladas, e principalmente a visão dos sujeitos atuantes nesta construção (HARAWAY, 1995). Sendo assim, fizemos uso de uma análise parcial situada na Universidade Federal de Pernambuco, selecionando estrategicamente quatro sujeitos do sexo biológico masculino inseridos no Curso de Serviço Social, dois a nível de graduação e mais dois que já se encontram na pós graduação.

No tocante à metodologia adotada, este subprojeto ocupou-se unicamente da biografia dos sujeitos investigados, através de incursões etnográficas, e de entrevistas e transcrições das mesmas. Simultaneamente, o segundo subprojeto (desenvolvido pelo aluno Henrique da Costa Silva) realizou prioritariamente pesquisas bibliográficas e documentais sobre a criação da Escola de Serviço Social em Pernambuco, assim como da criação do Departamento de Serviço Social na UFPE e também desenvolveu pesquisas documentais no Núcleo de Memória do Serviço Social.

A partir do trabalho desenvolvido constatamos que apesar de minoria quantitativa, os homens tem alcançado boa inserção dentro do Serviço Social, especialmente no tocante ao reconhecimento/destaque político-acadêmico. Além de estarem mais presentes nos espaços de representatividade, identificamos também, através das observações de inspiração etnográfica realizadas por ambos os subprojetos, que os homens, com frequência, tomam a frente nos cargos e processos eleitorais dentro do Serviço Social de modo que suas falas tomam maior tempo, e ao que nos parece, também maior influência. A nossa hipótese é que as mulheres com grande frequência se recusam a concorrer estes cargos por não se enxergarem capacitadas para tanto, isto seria também reflexo de como a feminilidade é construída através da imposição das normas regulatória dos sexos (BUTLER, 2010), reiterando uma educação para as pessoas do sexo biológico feminino que as ensinam a serem “contidas” e se expressarem pouco em público, assim como tem demonstrado a autora Ana Silva Scott (2012), no livro ‘Nova história das mulheres no Brasil’.

MATERIAIS E MÉTODOS

A abordagem “parcial” (HARAWAY, 2001) foi eleita para este trabalho como mais adequada pelas nossas pretensões de levar em consideração as marcas do tempo e espaço e das múltiplas visões dos próprios sujeitos na construção da ciência, no caso o Serviço Social como campo de construção de conhecimentos, o qual é nosso objeto de estudo. Para construir uma abordagem parcial utilizamos, através dos dois subprojetos que dialogam entre si, dois eixos metodológicos: pesquisa documental e abordagem biográfica dos sujeitos investigados, a qual é composta por entrevista biográfica e observações de inspiração etnográfica.

Referente ao trabalho de campo, esta pesquisa sofreu algumas alterações proposta pelo próprio grupo com intuito de garantir maior segurança e consistência nos dados obtidos. No momento inicial construímos um questionário, que não estava previsto no projeto desta pesquisa, o mesmo constituiu-se predominantemente por questões fechadas que nos permitiu, por meio de uma abordagem quantitativa, conhecer

o perfil e dados gerais sobre a inserção de homens nos cursos de Serviço Social - graduação e pós-graduação.

Partindo desta abordagem inicial, construímos como estratégia de pesquisa convidar homens de diferentes orientações sexuais, classe e raça, e que estivessem inseridos em outros espaços vinculados ao curso de Serviço Social - além do ensino, em espaços de pesquisa, extensão e/ou atuação no movimento estudantil - por considerar que estes sujeitos estão mais próximos dos temas abordados através deste trabalho e para dar a esta pesquisa feminista um recorte interseccional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nas investigações empenhadas a partir desta pesquisa percebemos que apesar de representarem um grupo minoritário no Serviço Social, os homens parecem não se sentirem discriminados por parte de discentes e docentes vinculados a este curso. Os quatro entrevistados relatam que nunca se sentiram discriminados por serem homens dentro do Departamento de Serviço Social, além de nunca terem percebido nenhuma diferença no comportamento de docentes e discentes no que se refere a este aspecto. Apenas um dos entrevistados não menciona nenhuma avaliação positiva ou negativa por estar em um ambiente onde a presença de mulheres é significativamente maior, porém três dos quatro entrevistados avalia de maneira positiva a vivência dentro do curso de Serviço Social no que diz respeito à predominância feminina.

Em relação à inserção masculina no Curso de Serviço Social, esta pesquisa nos proporcionou observar que os homens heterossexuais se mostram mais propensos a concorrer espaços de visibilidade como liderança de turma e representação política.

Desejamos por fim esclarecer que não faz parte das pretensões de nós pesquisadoras e pesquisadores vinculadas e vinculados ao Núcleo HYPATIA reiterar o discurso de que mulheres são incapacitadas a ocupar cargos de representatividade, ou até mesmo de construir-se enquanto figuras influentes dentro do campo formativo e científico que é o Serviço Social, nem mesmo temos o intento de culpabilizar a figura masculina pela reprodução social do machismo. Antes disso, buscamos evidenciar como se tem institucionalizado as relações de gênero orientadas pela desigualdade, e como marcadores sociais atrelados ao gênero, à orientação sexual e à regionalidade se fazem presentes nas trajetórias de vidas, sabendo que a trajetória de vida constitui-se a partir de um padrão de comportamento que se espera de uma pessoa, tendo em vista algumas de suas características preestabelecidas tais quais, gênero, local onde nasceu e/ou viveu, entre outros marcadores como raça/etnia orientação sexual e classe social a qual está vinculada.

CONCLUSÕES

Dentre os elementos emergentes de nossas análises, destacam-se alguns paradoxos: se o Serviço Social é um espaço de predominância quantitativa feminina, são os homens aqueles que mais se destacam por suas inserções políticas em movimentos sociais e político-partidários em geral e, em específico, no movimento estudantil; se o Serviço Social é percebido pelos estudantes como um espaço em que os homens são, predominantemente, homo ou bissexuais, são, na realidade analisada, os

estudantes heterossexuais que mais estão inseridos na pluralidade das atividades político-acadêmicas e que, aparentemente, reúnem maiores condições objetivas de adentrarem nos cursos de pós-graduação e darem continuidade às “linhagens” intelectuais e científicas do Serviço Social. Tomando como referência as especificidades do espaço e tempo deste estudo, pudemos notar que a voz que mais ecoa nos espaços de debate e construções político-acadêmicas é masculina e heterossexual.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo auxílio concedido a esta pesquisa, bem como ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UFPE. Nossos agradecimentos destinam-se também à Coordenação do Curso de Graduação em Serviço Social, à Coordenação do Programa de Pós-graduação em Serviço Social e à Chefia do Departamento de Serviço Social pela autorização para a realização desta pesquisa. E, especialmente, agradecemos aos discentes da graduação e da pós-graduação em Serviço Social que se disponibilizaram a serem sujeitos deste estudo.

REFERÊNCIAS

- NETTO, José Paulo. **Capitalismo monopolista e Serviço Social**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. “Quem é frouxo não se mete”: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. **Proj. História**, São Paulo, n. 19, nov. 1999. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10928/8089>>. Acesso em 01 abr. 2010.
- BORNN, Claudia. Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. **Sociologias**. N. 5, ano 3, Porto Alegre, jan./jun. 2001. (240-265p.) (disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n5/n5a11.pdf>>)
- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. IN: LOURO, Guacira Lopes. (Org.) **O corpo educado – pedagogias da sexualidade**. 3 ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte-MG: Autêntica editora, 2010. Disponível em <<http://copyfight.me/Acervo/livros/LOURO,%20Guacira%20Lopes.%20O%20Corpo%20Educado.pdf>>. Acesso em 19 set 2014.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu** (5) 1995. Disponível em <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.ifch.unicamp.br.pagu/files/pagu05.02.pdf>> (p. 07-41).
- SCOTT, Ana Silva. O Caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.) **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.